



# Margarida

## Muda de Escola

autoras

Margarida Fonseca Santos  
Maria João Lopo de Carvalho

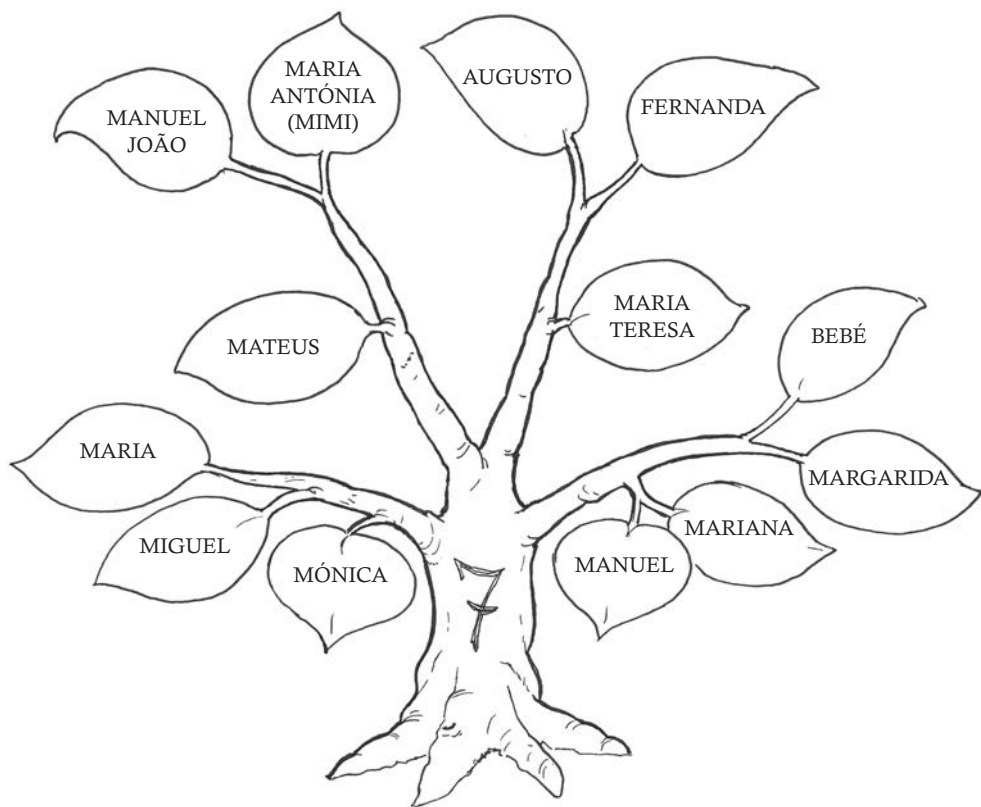
ilustrações  
Miguel Gabriel

OFICINA  
DO LIVRO



Conheces a Família dos 7 Irmãos?

Aqui vai...





## UM

– Amanhã é a minha vez! Medo! Medooooooooooooo-ooooo!!!! Sei lá o que hei de contar sobre esta minha família! É injusto, muito injusto. As outras pessoas da minha turma só têm de dizer uma frase ou coisa parecida; pudera, só com um irmão, um pai, às vezes dois, e uma mãe, às vezes duas, no caso de os pais estarem separados – contou a Margarida pelos dedos –, mas eu, eu estou frita, nunca mais acabo... Só irmãos, sete, fora o Hans... e cunhados? Quer dizer, uma espécie de cunhados, acho que é assim que se chamam os namorados e namoradas dos nossos irmãos; hum... não sei se o Hans ainda conta ou não – hesitou a Margarida, dobrando e levantando o dedo pela falange, sem conseguir decidir se incluía ou não o rapaz alemão. – Mas como ia dizendo: 7 irmãos, a mãe, o pai, a Alice e o *Mister*... soma onze. – E levantou todos os dedos das duas mãos, verificando que ainda sobrava um. – Está visto, o melhor é ensaiar:

«Margarida começa por M. Não sou das primeiras nem das últimas, fico a meio da pauta, quer isto dizer que

há quem fale primeiro do que eu, mas o pior é que ninguém vai demorar tanto tempo a apresentar a família toda... Que cena... Falar em público para pessoas que mal conheço... Já sei! Madalena, Madalena!!! – gritou a Margarida, saindo a correr para ir buscar a irmã à sala, que acabou por ser arrastada à força para o quarto. – Senta-te aqui e ouve!

– Mas eu quero ver as *Winx*! Vá lá!

– Não há cá *Winx* nem meias *Winx*, não tenho tempo a perder! – E pegando na irmã pela cintura, sentou-a em cima da cama. – Quietinha e ouve bem o que a mana vai dizer! Não sais daí de cima, não falas, nem nada, percebes, ciganita?

– Não! Eu quero ver as *Winx*!

– Dou-te um chocolate, estás a ver? – insistiu a Margarida, pegando numa ponta do pacote de *m&m's* que trazia no bolso e pondo-se a abaná-lo ruidosamente como o pêndulo de um relógio em frente ao nariz da irmã. – Este mesmo!

A mais nova, gulosa como era, enfiou o polegar na boca e conformou-se a trocar as *Winx* por chocolates, tendo para isso de resistir a mais um teatro a que a Margarida a obrigava a assistir.

– Eu sou a Margarida Machado – começou, levantando a voz. – Tenho 9 anos, quase 10, e, como estão a ver, entrei agora para o 5.º ano.

Fez uma pausa. Na verdade, o que lhe apetecia era dizer, logo ali à frente de todos os novos colegas, o quanto odiava aquela escola horrorosa do 2.º ciclo, com pessoas

enormes que desconhecia em absoluto, que nem «olá» lhe diziam e que a faziam sentir ainda mais saudades da sua querida professora Raquel do 1.º ciclo... Mas, se dissesse alguma coisa do género, a diretora de turma, ou lá o que isso era, não ia gostar nada.

– Depois de mim, nasceu... Espera lá, isto assim não dá! Até parece que eu sou a mais velha e ninguém vai perceber nada a não ser a Laurinha, que já me conhece desde o 1.º ano... Antes de mim – recomeçou. – Hum... que confusão, assim também não resulta. Vou começar do princípio.

– Quanto tempo falta para acabares? – perguntou a Madalena, impaciente, focada no pacote amarelo que saía do bolso das jardineiras da irmã.

– Está quase, só faltam para aí umas nove pessoas, se não me interromperes mais! A minha família é gigante! Somos sete irmãos, o pai e a mãe, a Alice, o Hans, que é uma espécie estranha de irmão, e o *Mister*. Ou melhor, destes todos temos de pôr o Hans de parte, que já foi devolvido à Alemanha e deixou uma família inteira a chorar no aeroporto. Assim, somos sete: a Maria, que está pela segunda vez na Faculdade e vai ser advogada... Pela segunda vez? Isto não me soa nada bem; está no segundo ano de advogados! Ah, sim, espera, já me lembrei da palavra certa! Está no segundo ano de Direito, vai ser advogada, tem 19 anos e um namorado muito fixe, que é o João Pedro. Ou era, porque com a Maria nunca se sabe: ora está zangada, ora está toda queridinha com ele, mas, como moram os dois em Lisboa, eu nunca sei ao certo, ao certo... Depois vem

o Miguel, que ainda agora fez uma megafesta de 18 anos e anda a tirar a carta de condução. Não me vou pôr aqui a contar a festa do Miguel, pois não? Mas que foi brutal, foi! Esse meu irmão entrou na Faculdade para o curso de Educação Física e Desporto, aliás, *continuou*, porque me parece que o Miguel nasceu já em «modo de desporto», e namora com a Rita, que nasceu em «modo de gaguez»... Ah!

É chato! A Rita não tem culpa de ser gaga, e ser gaga não tem mal nenhum... Mas, como o Miguel e a Rita gozam comigo porque dizem que eu nasci em «modo de beicinho total», não me importo lá muito de gozar com eles, não é? Depois vem a Mónica! O pai diz que ela não é carne nem peixe. Eu explico: não é do grupo dos mais velhos nem do grupo dos mais novos. Entrou agora para o 11.º ano, quer ser veterinária e tem 16 anos de maria-rapaz em cima das costas... Só pensa em futebol, bicicletas e essas coisas foleiras que eu odeio. Andou zangada com o Filipe, mas agora já estão bem! Madalena, estás a ouvir? Estou a ir bem?

– Quando é que acabas? És tão chata!

– Não te mexas, está quase! Depois vêm os gémeos: o *nerd* e a asneirenta entraram para o 8.º ano. A Mariana está sempre de castigo, não me lembro dela sem ser de castigo, e o Manel é o mais marrão cá de casa e é bem-*comportadíssimo*. São tão, mas tão diferentes, que nem parecem irmãos, quanto mais gémeos. A mãe diz que estão na idade do armário; têm 13 anos, e eu acho que até trancada à chave dentro de um armário a Mariana seria horrível! Finalmente



nasci eu! Dizem que sou parecida com a Maria – aliás, é a minha imã preferida... Sou loira, mas só no verão; apanho escaldões na praia, porque tenho a pele muito branquinha, e olhos quase azuis, mas felizmente não tenho cara de má, como a Mariana. Pelo contrário, tenho cara de anjo, é o que dizem, e assim nunca ninguém desconfia de mim! Se eu choro ou me porto mal, a Alice vem logo defender-me.

A Alice é quem toma conta de nós todos, sobretudo de mim, porque eu sou a queridinha dela! Depois falta a pessoa mais importante: a minha mãe! É linda, juro! Faz desenhos... Ai, como é que se diz? É ilustradora de livros, e tem tanto jeito, tanto jeito, que parece uma fada. Acho que as fadas também devem fazer desenhos lindos! E ainda não falei do meu pai, que me ensinou a nadar e a andar de bicicleta quando eu era pequenina, tem uma empresa de publicidade e está sempre preocupado com tudo, mas, ao fim de semana, pega em todos nós e é sempre o primeiro a ter ideias de passeios e coisas giras para fazermos em família. Quando a mãe diz que não a qualquer coisa, nós conseguimos sempre convencê-la; mas quando o pai diz que não, é mesmo «não», e não há nada a fazer. E pronto! Só falta o *Mister*, que é o nosso cãozinho, modelo único, como diz o Miguel. É rafeiro e faz parte da minha família; até ladra de forma diferente quando ouve os passos de cada um de nós. Fui bem, Madalena?

– Não! – ralhou a mais nova, abanando a cabeça com toda a força. – Foste má como as cobras! Esqueceste-te de mim!

– Ai, ciganita, desculpa lá, pois foi, esqueci-me de ti, a minha maninha mais nova e fofinha. O que é que posso dizer à professora sobre ti? Os últimos são os primeiros, não é?

A Madalena franziu o nariz. Podia lá ela perceber o que era isso de os últimos serem os primeiros!

– Eu explico: és uma mana pequenina e cómica, que tens quatro anos e saíste totalmente diferente de nós todos: puxaste aos avós de Estremoz. És morena de olhos e cabelo castanhos, fazes birras e disparates, és gulosa e...

Tinha acabado o suplício. A Madalena deu um pulo para o chão e abraçou a irmã pela cintura.

– Yes! Acabaste! Finalmente! Estava tão farta, tão fartaataaaaaaaaaaaaaaa! – Sem que a Margarida percebesse, enfiou a mão pequenina no bolso das jardineiras da irmã e tirou de lá o pacote de chocolates, escondendo-o atrás das costas.

– Quem é que mandou?

Tarde demais! A Madalena já fugira pelo corredor fora para se sentar frente às suas adoradas *Winx*, a devorar desenhos animados e *m&m's* com a mesma acalorada paixão.

A Margarida encolheu os ombros e deixou-se cair na cadeira da secretária.

– Ai Madalena, Madalena, se nem tu tens paciência para me ouvir, o que vão pensar os outros todos? Que sou uma croma qualquer, um ser vindo de outro planeta! Não vou ter coragem de repetir tudo isto, alto e bom som, no meio de uma aula cheia de pessoas desconhecidas...

E se eu fugisse da escola?

\*\*\*\*\*

Naquela altura, tudo lhe parecera uma espécie de «ilusão de ser crescida». Estavam em junho, ainda antes dos feriados, e os alunos do 4.º ano foram com a professora visitar a escola EB 2,3 para onde iriam transitar no ano letivo seguinte. A Margarida não foi apanhada de surpresa, já lá tinha ido com os irmãos duas ou três vezes, mas não daquela forma.

A professora Raquel, acompanhada pelo diretor da nova escola, mostrou-lhes todos os espaços em pormenor: os cacifos, os balneários, as salas de aula, os laboratórios, a biblioteca e a cantina. Nesse dia, todos lhe pareceram simpáticos, cumprimentavam-nos à passagem e exclamavam: «Olha-me as miniaturas! Puseram-lhes fermento na massa, cresceram depressa, está-se a ver!», e até lhes fizeram festas na cabeça e lhes deram umas palmadinhas nas costas. A escola nova pareceu-lhe linda e acolhedora, com espaço para tudo e um recreio que era para aí três vezes maior do que o da escola do 1.º ciclo. Ainda por cima deixava de ter a responsabilidade de ir visitar a Madalena ao jardim de infância todos os dias à hora do almoço. Ali seria crescida, independente, e poderia fazer novos amigos. Quem sabe se não arranjava logo nos primeiros dias um namorado daqueles muito curtidos que tocavam guitarra como o Hans e tinham o cabelo arrumado numa crista de gel? Tudo naquela altura lhe parecera possível.

No entanto, a realidade era outra, bem diferente. Aquela escola de setembro, sombria e antipática, não tinha

nada que ver com a que visitara em junho. O pior, o pior de tudo era mesmo ninguém saber o nome dela. Só a diretora de turma a conhecia pelo nome próprio, e isto ao fim da primeira semana de aulas, o que tomou por uma tremenda injustiça: afinal de contas, ela, Margarida, só tinha 9 anos e não precisara de mais do que dois dias para decorar o nome dos onze professores do 5.º B.

Na cantina também era horrível! Os mais velhos quase a atropelavam, levava encontrões por todos os lados e nem ela nem a Laurinha conseguiam sequer chegar-se à frente no intervalo da manhã. Ainda por cima, a Mariana andava louca com o regresso às aulas e o reencontro com as amigas, e nem sequer vinha saber dela. Bem, talvez a culpa não fosse só da Mariana, porque ela própria, Margarida, tinha avisado de que não precisava dos irmãos mais velhos para nada. Agora era tão crescida como eles e tão independente e corajosa como qualquer um dos outros, de modo que só o Manuel lhe aparecia de vez em quando com um «então, maninha, *tasse* bem?». E seguia noutra direção sem esperar pela resposta. E quanto à Mónica, essa parecia ter sido engolida pela agitação excitante do edifício do 3.º ciclo.

– Ai, Laurinha, eu odeio isto, e não sei se tenho coragem para contar aquilo tudo sobre a minha família no meio de tanta gente – queixou-se a Margarida, enquanto tirava o estojo da mochila e o punha em cima da carteira.

– Hoje és tu a fazer a apresentação, não és? Na última aula ficámos no Luís. Com L ainda há alguém antes de ti?

– Ninguém, sou logo eu...

– A mim não me custou nada.

– Pudera! Foram só 30 segundos, que eu contei pelo relógio, mas eu... são para aí 2 minutos e 29 segundos, pelo menos!

A Laurinha não pôde deixar de sorrir, ao ver o ar atrapalhado da amiga e aquela expressão de cãozinho abandonado que ela fazia quando se sentia muito aflita.

– Tu estás a gostar desta escola? – insistiu a Margarida.

A outra abanou a cabeça.

– ODEIO! E desta nossa turma então, nem falar... São todos betos, parvalhões e convencidos a darem-se ares! Nem sei de onde vieram tantos miúdos assim tão malucos! Se ao menos nos tivessem posto com os nossos colegas do 1.º ciclo, mas não...

– E a mim não me ligam nenhuma! Nem me conhecem, ou fingem que não conhecem...

– A mim também não! Ainda ontem encontrei aquela girafa – disse a Laurinha, apontando com o queixo na direção de uma rapariga muito alta e espigada, de cabelos lisos até meio das costas e um gancho cor-de-rosa berrante a segurar-lhe a franja loira –, e ela fingiu que não me conhecia.

– Aquela ali, a Concha? – segredou-lhe a Margarida.

– Sim, essa mesma, é parva todos os dias!

– Deixa, vamos magicar qualquer coisa que a ponha mesmo chateada... Mas agora a sério, aflita estou eu, faltam 5 minutos para ser gozada por todos...

– Não vais nada ser gozada, és só uma espécie rara! Quem é que se lembra de nascer em sexto lugar numa família de sete? Só tu, Margaridinha!

Como resposta, a Margarida atirou-lhe com a borraça à cabeça – odiava que lhe chamassem Margaridinha, e logo ali, no meio daquela gente odiosa...

\*\*\*\*\*

– Quantos te faltam, filha? – perguntava a Teté, conferindo a lista de manuais escolares que tinha de comprar para os gémeos e para a Margarida.

– Fora estes, faltam dois – disse, pousando os livros em cima do balcão junto à caixa da livraria –, mais nenhum, porque aproveitei os da Mariana. Só temos de comprar estes de Ciências Naturais e de Português.

A Teté suspirou: ao menos isso – fazendo rodar os livros de uns para os outros, poupava muito na despesa. Todos eles já sabiam que tinham de conservar os livros em bom estado, porque havia sempre um irmão ou um colega mais novo a herdá-los no ano seguinte.

– E tu, Mariana?

– Para mim, são estes quatro – disse a gémea, arrumando os livros novos numa pilha, por cima dos da Margarida. – Mas ao Manel não falta nenhum, ficou com os antigos, da Mónica.

– É claro que os novinhos são sempre para ti – refilou a Margarida. – Se eu fosse o Manel, passava-me.

– Olha lá, deste em refilona, tu? Nem pareces a mesma mimadinha de sempre! É isso que te ensinam na escola?

– Para, Mariana! Tu sabes que odeio a escola – confessou muito baixinho, para que a mãe não se apercebesse.

– Tu odeias o quê?

– Tudo, na verdade odeio tudo – disse a Margarida, tentando que a mãe não ouvisse uma só palavra daquele desabafo, pois o que menos queria era preocupá-la. Por agora era melhor que nem sequer suspeitasse.

– És tão bebé, Margarida, só porque não tens os amigos do ano passado?

– Não, claro que não, mas aquilo é gigante e quase ninguém sabe o meu nome; achas pouco? Ainda por cima...

– Ainda por cima, o quê?

– Gozaram comigo quando tive de fazer a apresentação da família em voz alta à frente de toda a turma. E ainda gozaram mais comigo do que com a Filipa, aquela gordinha simpática da minha turma. Pior: eu tinha treinado com a Madalena, mas, como me faltou a voz a meio, começaram uns lá atrás a dizer que eu nem sabia ao certo quantos irmãos tinha, e se não me tinham ensinado a contar pelos dedos na escola primária!

– A sério?

A Margarida não respondeu, limitou-se a acenar com a cabeça, com os olhos cobertos de lágrimas.

– Isso é feio, mana – respondeu a Mariana, tentando consolá-la. – Eu vou lá e rebento com eles, queres?

– Já não vais a tempo, Mariana, mas se eu te contar uma coisa, tu juras pela alma do *Mister* que não dizes nada a ninguém?

– Oh, Margarida, o *Mister* não tem alma! Eu juro pelo que tu quiseres, mas não pela alma do *Mister*, que parvoíce!

– Então prepara-te para o que te vou contar: eu e a Laurinha já decidimos e temos quase tudo planeado.

– Decidiram o quê? Conta lá!

– Fugir da escola!

– Fugir da escola?

– Isso mesmo, é verdade, fugir da...

– Mariana e Margarida, vamos! Peguem nos sacos e metam-nos no carro – pediu a mãe. – Agora, mal cheguem a casa, toca a forrar os livros bem forradinhos! Já sabem as regras.

– Escrever sempre a lápis, levezinho! – rematou o Manuel, que sabia de cor e salteado que nos livros da escola nunca se escreve nada a caneta...





